

Capítulo E2

Guianense Ocidental

Página inicial	Lista das áreas
--------------------------------	---------------------------------

Esta área compreende as terras altas situadas no sul da Venezuela e nas fronteiras desse país com o Brasil e com a Guiana. Os rios que a percorrem na Venezuela se dirigem para o Orenoco, que a contorna pelo oeste e pelo norte. No Brasil, os rios correm para o Negro, no Estado do Amazonas, ou para o Branco, seu afluente, que a bordeja pelo sudeste, no Estado de Roraima. Na Guiana os rios correm para o Essequibo. Isso porque a fronteira entre os três países se traça sobre os divisores de águas do Amazonas, Orenoco e Essequibo. Apesar de montanhosa, a área é coberta pela floresta, que apresenta, entretanto, manchas de savana, e mesmo campos, como os que se estendem por uma grande superfície em torno do monte Roraima, situado bem no ponto em que as fronteiras do Brasil, Venezuela e Guiana se encontram. Sem contar que os llanos, ou seja, as savanas do Orenoco, também acompanham o médio e baixo curso desse rio na sua margem direita.

Por conseguinte, não se trata de um ambiente homogêneo, dispondo-se as sociedades indígenas em diferentes altitudes, bem como diferentes vegetações. O que me inclina a tomá-la como uma área etnográfica é a extensa rede de comércio que liga entre si essas sociedades, muito embora, com relação aos civilizados, algumas tenham contato muito antigo e outras bastante recente.

O comércio

Sem contar os antigos comentários de Roth (1974) sobre o comércio na região guianense em geral, esse intercâmbio intertribal tem chamado a atenção de autores que vêm trabalhando com sociedades do ocidente guianense. Na verdade, não podemos dissociar as transações intertribais (entre sociedades indígenas), das intratribais (dentro de cada sociedade indígena) e das interétnicas (dos índios com não-índios), conforme faz Coppens (1971: 39) ao tratar do comércio iecuaana, uma vez que tanto os artigos trocados como os agentes das trocas podem ser da mesma ou de diferentes sociedades.

Na região os iecuanas se destacam pelo longo percurso de alguns de seus artigos e também por constituírem um importante elo nas cadeias comerciais que cortam a área de leste a oeste e de norte a sul, deslocando-se eles próprios por grandes distâncias, que eram ainda maiores durante o período colonial. De fato, para assegurar seu domínio ameaçado pela penetração holandesa, os espanhóis fundaram em 1764 a vila de Angostura (hoje Ciudad Bolívar), no trecho mais estreito do baixo Orenoco. A vila cresceu rapidamente e quinze anos depois já tinha sete mil habitantes, e os índios da região, inclusive os iecuanas, se sentiram atraídos pelo seu grande sortimento de mercadorias. Para unir seus postos militares do baixo aos do alto Orenoco e assim criar uma linha defensiva contra os índios caribes que organizavam expedições a fim de fazer escravos indígenas para os holandeses, os espanhóis construíram

uma cadeia de dezenove fortins desde o rio Caura e seu afluente Erebató até Esmeralda, perto da cabeceira do Orenoco (por conseguinte essa linha de fortificações teria um sentido nordeste-sudoeste e seria tangencial e perpendicular à ponta do mapa do Estado de Roraima que se projeta para noroeste). Revoltados contra as reduções forçadas a que os espanhóis queriam submetê-los, os iecuanas, em 1776, destruíram os fortins e não mais empreenderam expedições comerciais a Angostura. A partir de então começaram a comerciar com os holandeses, fazendo expedições até a foz do Essequibo. Essas relações duraram até 1814, quando os holandeses entregaram a Guiana aos ingleses, os quais os sucederam também como parceiros comerciais dos índios. Em 1840, o explorador Robert Schomburgk encontrou-se com uma expedição iecuanas que se dirigia a Georgetown. Tendo partido do rio Cunucunuma, um afluente da margem direita do alto Orenoco, a expedição tinha por itinerário o canal de Cassiquiare, a descida do rio Negro, a subida do Branco, do Tacutu e do Maú, e daí, após cruzar o divisor de águas, a descida do Rupununi e do Essequibo até a foz. Nessa viagem, que durava aproximadamente um ano, os iecuanas contornavam toda a sequência ocidental de serras guianenses pelo sul. Os iecuanas levavam redes de algodão, camisas de cortiça, raladores de mandioca, cães de caça, e pretendiam receber em troca instrumentos de ferro, principalmente machados e facas de caça. No início da segunda década do século XX, o etnólogo Theodor Koch-Grünberg observou que os iecuanas do Cunucunuma abasteciam de artigos importados os iecuanas que moravam no alto Ventuari e no alto Caura. Estes últimos, porém, tinham como fonte alternativa de abastecimento os pemons da Grande Savana, que mantinham contato com centros comerciais da Guiana e da Venezuela, recebendo deles armas de fogo inglesas (Coppens 1971: 33-35).

O contato primeiramente amigável, depois o conflito e o rompimento com os espanhóis, seguido das relações comerciais com os holandeses, são relatados e transfigurados pelos iecuanas como parte do mito *Watunna*, que foi recolhido e publicado, precedido de uma instrutiva e poética introdução, por Marc de Civrieux (1980). Uma análise da interpretação dessas primeiras etapas do contato com os europeus pelos iecuanas foi realizada por David Guss.

Apesar de não cobrirem distâncias tão grandes quanto nos séculos passados, os iecuanas de hoje ainda fazem viagens de comércio bastante longas, como a descida de todo o rio Auaris e Uraricoera até Boa Vista e posterior retorno, levando de 25 a 30 dias para descer e o dobro do tempo para subir (Ramos 1980: 104-106 e 108), percorrendo em quase toda a sua largura o norte do Estado de Roraima. Ou então a viagem de Santa Maria do Erebató, que fica no alto curso do rio deste nome, um tributário da margem esquerda do rio Caura, até Uriman, localidade pemon no alto Caroni, usando os cursos desses rios, que correm para o norte, de seus afluentes e sub-afluentes, arrastando canoas por sobre os divisores de águas, num percurso oeste-leste, que exige dois meses para ida-e-volta (Coppens 1971: 44-46). Meios modernos de transporte, a presença de missionários que comerciam com os índios, a presença de outras sociedades como intermediárias nas transações com os civilizados, a obsolescência de certos itens por influência do contato interétnico, têm modificado a rede comercial, encurtando as viagens, mas aumentando a sua frequência (Coppens 1971: 37-39).

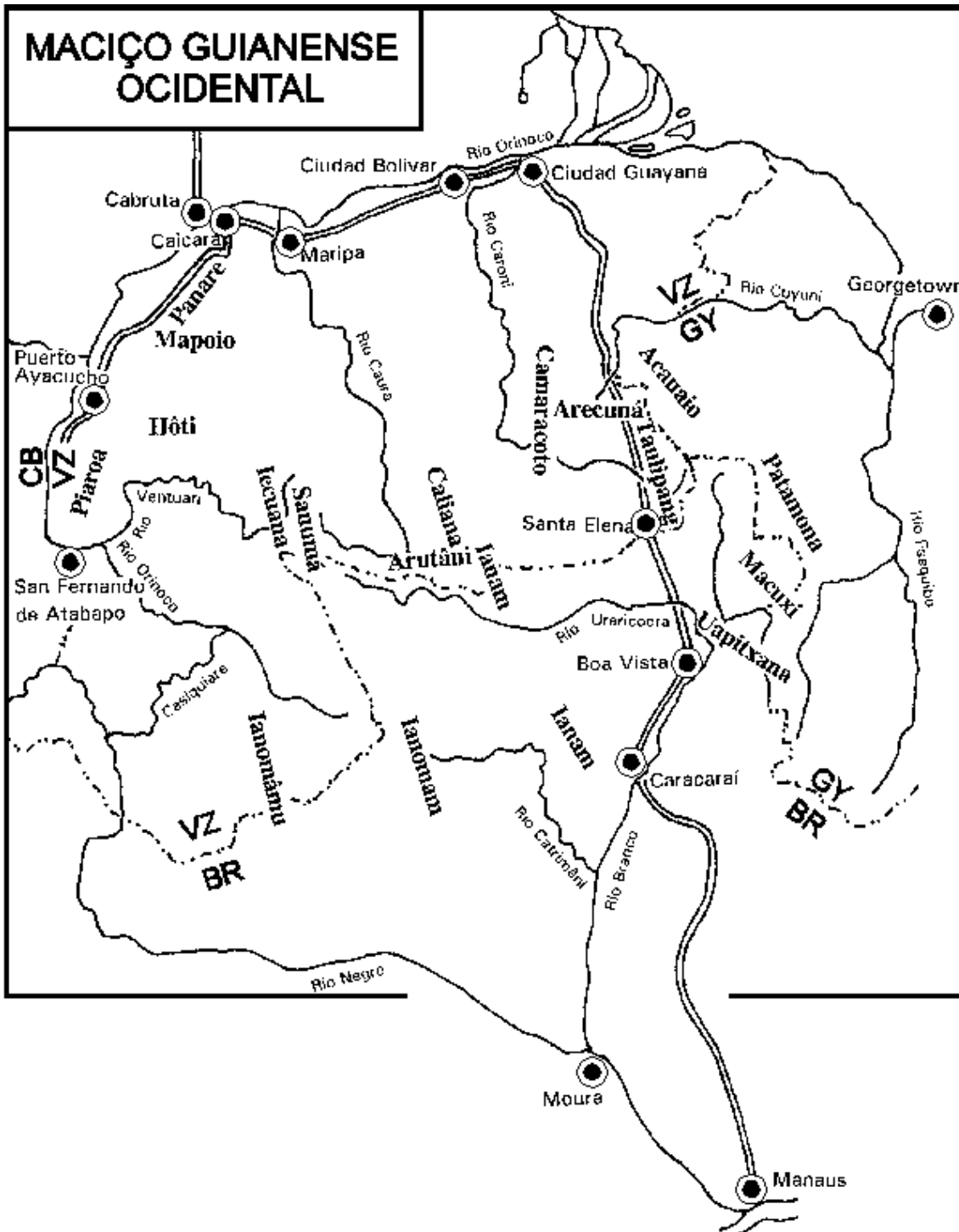
Os iecuanas mais ocidentais oferecem zarabatanas aos piaroas a troco de curare, uma transação que está perdendo a importância, devido à competição que essa arma sofre com as de fogo. Mas os piaroas também se interessam por canoas e remos dos iecuanas (Coppens 1971: 38-39 e 43). Entretanto, pelo menos uma parte dos piaroas faz zarabatanas, adquirindo

dos iecuanas apenas a matéria-prima, os caniços (Overing Kaplan 1975: 27-28). Os iecuanas mais orientais só podem obter artigos piaroas dos ocidentais pelo comércio intratribal. Mas, por outro lado, comerciavam diretamente com os pemons, sobretudo seu ramo arecuná, que estão a leste, oferecendo-lhes raladores de mandioca (uma expedição acompanhada por Coppens levava duzentos), mas também canoas, remos, zarabatanas, curare, cuias de cabaça, cestas côncavas, bolas de algodão. Em troca os pemons lhes oferecem redes de algodão, colares de miçangas, tipóias de algodão para carregar crianças, cerâmica de cozinha, arcos, flechas com pontas de ferro, e ainda espingardas oriundas do Brasil. As miçangas chegam aos arecunás da Guiana através dos acauaios (um ramo dos capons) e dos taulipang (outro ramo dos pemons); vão também do Brasil. Os iecuanas desmancham os colares para utilizarem as contas na confecção de outros artefatos. A cerâmica de cozinha, os arecunás a recebem dos camaracotos (outro ramo dos pemons). As espingardas brasileiras chegam aos arecunás por intermédio dos taulipang. Os arecunás, cujos produtos possuem escasso valor comercial (cuias, cabaças), fornecem artigos iecuanas aos camaracotos e taulipang. Estes dois ramos pemons passam os raladores de origem iecuanas para leste, aos patamonas (um ramo dos capons) e os macuxis (o ramo pemon meridional), enquanto os arecunás mais orientais os passam para os acauaios (ramo dos capons). Os macuxis constituem o ponto mais oriental a que chegam os raladores iecuanas; eles também recebem, através dos uapitxanas, raladores dos uaiuais (Coppens 1971: 43, 46-48 e 53-54), que coloquei em outra área etnográfica, a Guianense Oriental.

É digno de nota que no extremo oeste da área Guianense Ocidental o ralador iecuanas encontra com outro ralador, feito pelos piaroas, que adquirem de seus vizinhos macos as lasquinhas de pedra para confeccioná-lo. Tal como os iecuanas, os piaroas mantêm um intenso comércio intratribal, mas talvez, diferentemente deles, aí o líder do grupo regional tem papel importante no estabelecimento de alianças comerciais com outros grupos regionais e até no comércio com outras sociedades. Assim, nem todos os grupos regionais piaroas fazem cerâmica; os que não a fazem a adquirem de outros grupos, ou, se são vizinhos dos guajibos (que incluí na área etnográfica dos Llanos), a obtêm destes, que goza de muita fama. Deles também adquirem, para uso próprio ou para troca com outros grupos regionais, amuletos de dentes de onça e o alucinógeno paricá (Overing Kaplan 1975: 27-28).

No sul, os iecuanas fazem comércio com os sanumás, um ramo dos ianomâmis (Coppens 1971: 42-43). Como sua relação com estes é mais do que simplesmente comercial, vou tratar dela mais adiante.

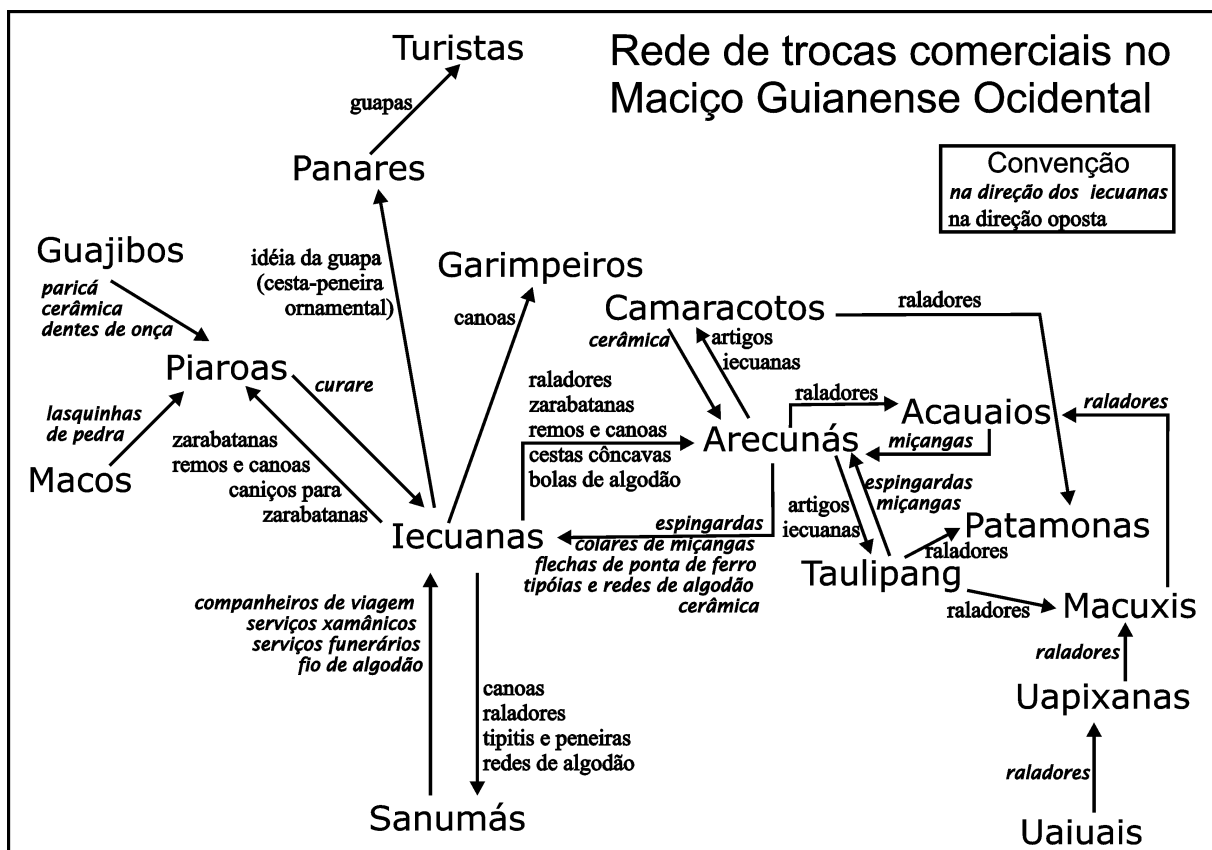
Na direção norte os iecuanas comerciavam com os civilizados (não exclusivamente nessa direção, pois também fazem comércio com os civilizados ao sul, de que são exemplos as já referidas expedições a Boa Vista, capital do Estado de Roraima). Tal como no comércio intertribal, os iecuanas dividem entre si setores geográficos onde exercem o monopólio. Os mais ocidentais ficam com San Fernando de Atabapo e sua zona de influência no alto Orenoco. Os do alto Caura e seu afluente Erebató transacionam com os civilizados do baixo curso do mesmo rio, para lá se dirigindo para fazer canoas junto aos locais de entrega; eles são os únicos produtores desse tipo de embarcação na bacia do Orenoco (com exceção dos uraós, do delta do mesmo rio), considerada a melhor para a navegação deste rio e de seus afluentes turbulentos. Por sua vez, os iecuanas do alto Parágua, afluente do Caroni, comerciavam com os civilizados do baixo curso desse mesmo tributário (Coppens 1971: 54-56).



Além de Coppins, dois outros autores trataram do comércio na área, David Thomas (1972) e Audrey Butt Colson (1973), ambos a partir de sua extremidade oriental, e suas descrições não desdizem a do primeiro, antes a complementam. Butt Colson, por exemplo, oferece uma descrição mais detalhada dos artigos trocados. Thomas dá mais atenção às relações de parentesco ou amizade entre os parceiros, divide os itens trocados em três esferas de troca não inteiramente fechadas, chama a atenção para o fato de que neste sistema de trocas

os itens não têm entre si os mesmos valores comparativos que teriam se fossem comercializados segundo o sistema monetário dos Estados em que essas transações se fazem. Além disso chama a atenção para o fato de que é o trabalho dos índios mais orientais na extração de diamantes que lhes rende o dinheiro que aplicam na compra de espingardas e miçangas que trocam com seus parceiros ocidentais (Thomas 1972: 17 e 35). Alude também a uma decadência do comércio leste-oeste quanto a certos itens, como canoas, devido à sua procura pelos garimpeiros de diamantes dos rios Caroni e seu afluente Parágua (: 11 e 15).

Finalmente vale fazer uma referência às transações comerciais mantidas pelos índios panares e os civilizados, vendendo-lhes peças de cestaria conhecidas pelos nome de "guapas", adquiridas sobretudo por comerciantes de Caicara, na beira do Orenoco, pouco abaixo da foz do Apure, e revendidas para as lojas de "souvenirs" dos centros urbanos venezuelanos, inclusive Caracas. Para os civilizados, estas cestas com o formato de peneira só têm uso ornamental. Ainda que não faça parte da grande cadeia comercial intertribal a que acabamos de nos referir, é digno de nota que nessas transações os iecuanas tenham uma participação extremamente indireta e totalmente involuntária. É que as peneiras panares começaram a ter aceitação entre os civilizados após eles terem passado a confeccioná-las à maneira iecuana, com a qual tomaram contato por intermédio de um missionário em Caicara, e por sua vez modificando-a de modo a atender ao gosto dos compradores (Henley e Mattéi-Muller 1978). É curioso que, a julgar pela falta de referências nos trabalhos até aqui citados, as peneiras de cestaria não pareçam fazer parte da grande rede de comércio intertribal.



Hierarquia e simbiose

Já as relações dos iecuanas com os sanumás, um ramo os ianomâmis, não podem ser consideradas como apenas comerciais. Em três artigos seus, sendo que um deles em co-autoria com Ana Gita de Oliveira e o índio iecuaana João Koch, Alcida Ramos (1980: 23-129) examina essas relações intertribais que têm início em meados do século XIX (: 28). A princípio as relações entre eles foi de franca hostilidade. Como parte de um movimento geral de expansão dos ianomâmis, os sanumás invadiram o território iecuaana, fazendo incursões sobre suas aldeias, matando-os e roubando-lhes as mulheres, até que, depois de muitos desses ataques, os iecuanas os detiveram com o uso de armas de fogo. Embora tivessem finalmente alcançado a paz, nem por isso os iecuanas conseguiram expulsar os sanumás do território anteriormente apenas seu. Hoje, a maioria das comunidades iecuanas têm, junto de si ou a poucos quilômetros, uma aldeia sanumá (: 27-28). Por conseguinte, não se pode dizer que os iecuanas tenham sido os vitoriosos; não obstante, eles se consideram os "civilizadores" dos sanumás, ensinando-os a viver sem roubar roças alheias, como fazer canoas, redes de algodão, tipitis, peneiras, como plantar e preparar a mandioca. E os sanumás realmente têm aprendido essas técnicas iecuanas, sem por isso se aceitarem como inferiores (: 40). Mas os sanumás ainda não dominam totalmente essas técnicas e dependem dos iecuanas para a obtenção desses utensílios, sobretudo o ralador, que não fazem. Em compensação, são os iecuanas que adquirem dos sanumás os fios de algodão, que consideram de qualidade superior aos seus, para fazerem suas redes. Mas uns e outros se relacionam também pela prestação de serviços. Os iecuanas, que consideram os cadáveres como extremamente poluidores e provocadores de doenças, submetem a severa reclusão aqueles que tiveram de lidar com o morto no preparo do funeral. Por isso, atualmente preferem, em vez de enterrar seus mortos, entregá-los aos sanumás para que os cremem, preferencialmente àqueles que morem longe de sua comunidade, a fim de facilitar o período de evitação ritual. Os sanumás, que têm o costume de cremar e de comer os ossos calcinados e pulverizados de seus próprios mortos, não se sentem sujeitos a nenhuma restrição ritual por terem lidado com defuntos iecuanas. Os iecuanas também se valem da ajuda de jovens sanumás como carregadores em suas viagens comerciais, auxiliares que também lhes servem de mediadores quando passam por comunidades ianomâmis com que não estão familiarizados. Além disso, os iecuanas consideram a magia sanumá superior à deles próprios e freqüentemente recorrem aos xamãs sanumás à procura de cura para suas doenças. Os serviços sanumás são retribuídos com bens pelos iecuanas (: 45-49). No lugar estudado por Alcida Ramos, o único onde há atualmente índios iecuanas no Brasil, isto é, na pontinha que faz o extremo noroeste do Estado de Roraima, havia três exemplos de casamento entre homens iecuanas e mulheres sanumás, um deles desfeito. De qualquer modo, o casamento intertribal não parece uma solução ideal a nenhum dos dois grupos, cercados que são pelas atitudes de superioridade dos iecuanas. O principal problema é a identificação dos filhos desses casamentos com uma ou outra etnia. Os sanumás, por se distribuírem em grupos patrilineares, consideram-nos iecuanas, uma vez que são filhos de homens iecuanas. Os iecuanas, por sua vez, que, como qualquer sociedade caribe, não dispõem de grupos unilineares de descendência, condicionam o reconhecimento étnico desses indivíduos ao conhecimento de sua língua, suas técnicas e ao seu modo de se comportar. Na verdade, nenhum filho ou filha de casamento misto ousa procurar ou encontra cônjuge entre os iecuanas, mesmo que com eles procure se identificar (: 49-63). O comportamento

hipergâmico por parte dos iecuanas vem confirmar que suas relações com os sanumás não são apenas simbióticas, mas também hierárquicas.

Não sei se em território venezuelano, onde vive a maior parte dos iecuanas, também ocorrem casamentos deles com os sanumás. Coppens (1971: 42-43) se refere ao costume da adoção, por parte de famílias iecuanas, de meninos, órfãos ou não, sanumás, até por solicitação dos pais destes. O menino sanumá se torna um auxiliar da família adotiva, recebe em paga de seus serviços alojamento, roupa e comida, aprende as técnicas e a língua iecuanas, e, ao chegar à idade de casar-se, volta a sua aldeia de origem. Ou seja, a "adoção" iecuanana não é levada às últimas conseqüências.

Enfim, apesar de nesta área ocorrer a especialização na produção de certos artigos por determinadas etnias, nem sempre por serem as únicas a deterem o conhecimento de sua confecção ou disporem em seu território da matéria-prima necessária, mas como um modo de estimularem entre si o intercâmbio, parece que, pelo fato de as relações entre os sanumás e os iecuanas não serem exclusivamente comerciais, aqueles têm conseguido incorporar muito mais técnicas destes do que seria de esperar. Mesmo assim, os iecuanas não lhes transmitiram a técnica de confecção dos raladores de mandioca, como mostra Alcida Ramos (1980: 44-45).

Outras relações dos ianomâmis com seus vizinhos

Relações entre outros ramos dos ianomâmis com seus vizinhos se assemelham à simbiose hierárquica iecuanana-sanumá. O rio Uraricoera, que corta o norte do Estado de Roraima de oeste para leste, tem uma ilha fluvial chamada Maracá. Na extremidade ocidental dessa ilha desemboca o rio Uraricaá. Subindo-se este rio até a cabeceira, chega-se à fronteira com a Venezuela, do outro lado da qual se encontram as nascentes do rio Parágua, o maior afluente do Caura. No Uraricaá e no alto Parágua está estabelecida uma parte dos índios ianans (a outra parte está mais ao sul, ao longo do mesmo eixo, entre os rios Uraricoera e Branco), que constituem o menor dos ramos ianomâmis (Lizot 1988: 490 e 492-493). No alto Parágua os ianans vivem em íntimo contato com duas etnias que hoje contam com poucos representantes e cujas línguas não estão classificadas: os arutânis e os calianas. Na verdade, os territórios dessas duas sociedades eram ou se estendiam mais ao sul, mas foram ocupados pela invasão dos ianans, como parte do movimento geral de expansão dos ianomâmis. Os arutânis teriam oferecido vassalagem aos ianans no alto Uraricaá, para que estes os protegessem dos maracanás (atualmente extintos?), fazendo com eles numerosas alianças matrimoniais, e ao mesmo tempo lhes servindo como intermediários comerciais com os caramacotos, um ramo dos pemons. Os arutânis se integraram física e culturalmente aos ianans, inclusive adotando-lhes a língua. Os calianas, por sua vez, se mestiçaram como os ianans, arutânis e pemons, falando a língua ianam, no primeiro caso, e pemon, nos dois últimos. Em 1952 foi descoberta a mina de diamantes de El Casabe, no baixo Parágua, que deu lugar ao ingresso de grande contingente de mineiros em toda a bacia deste rio para fazer prospecção, o que levou a todos os índios desta zona a participarem como auxiliares nessas atividades de mineração. Os próprios ianans são os ianomâmis mais culturalmente modificados (Lizot 1988: 492-493, Coppens 1983: 385-388 e 404-405, Coppens 1983: 411-416 e 422-424). Uma pequena aldeia caliana observada num afluente do médio Parágua fabricava tipitis para vender aos habitantes civilizados do baixo curso deste rio, recebia artefatos de origem indígena e industrial dos

pemons, raladores dos iecuanas e espingardas brasileiras por intermédio dos ianans (Coppens 1983: 403-404).

Em torno do monte Roraima

As terras que se estendem em torno do monte Roraima, em boa parte cobertas por uma vegetação de campos, savanas e matas ciliares, constituem, segundo certos autores, a área cultural Circum-Roraima (Butt Colson 1985: 104, nota 2). A superfície não florestal é denominada por seus habitantes brasileiros de "Lavrado". Os brasileiros dos grandes centros tomam conhecimento dela por meio de três temas. Assim, na escola, ouvem falar da questão de limites com a então Guiana Inglesa, resolvida em 1904, muito embora o rei da Itália, tomado como árbitro, assim se ensina às crianças, não tenha reconhecido ao Brasil toda a área a que tinha direito. Aliás, para além das fronteiras brasileiras, a zona está dentro do território que a Venezuela disputa à Guiana. Também na escola por algum tempo se aprendeu que o monte Roraima, com 2.772 metros de altitude, era o ponto mais alto do Brasil, sucedendo assim, neste campeonato geográfico-escolar, o pico da Bandeira, mas sendo posteriormente suplantado pelo pico da Neblina. Em terceiro lugar, é muito caro à intelectualidade brasileira o texto literário de Mário de Andrade que tem por título *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caractêr*, cujas aventuras retratariam a maneira de ser do brasileiro. Ao escrever seu famoso livro, em 1926, Mário de Andrade se apoiou, sobretudo, ainda que não exclusivamente, na mitologia dos índios taulipang e arecunás publicada pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg (1953). Essa mitologia começa com a derrubada de uma imensa árvore cuja base é o atual monte Roraima.

Hoje, seria de interesse saber se Macunaíma não pertenceria mais ao pensamento brasileiro do que ao dos índios circum-roraimianos. De fato, em contato com os civilizados pelo menos desde o século XVIII, quando portugueses, espanhóis e holandeses (antecessores dos ingleses) procuravam implantar seu domínio sobre a zona, em contato desde então com criadores de gado, com militares (como os do forte São Joaquim), posteriormente com garimpeiros de diamantes, solicitados pelos missionários mais diversos, entre os quais se contam anglicanos, adventistas, jesuítas, seria de se perguntar que idéia fazem os índios de sua própria mitologia. É certo que ela não desapareceu, mas também não é mais puramente indígena. É que os índios dessa região souberam formar novas religiões, amalgamando seus conhecimentos mágico-mítico-rituais com as doutrinas dos missionários. Assim, já no começo do século XX se expandia o culto denominado "Aleluia", inicialmente formulado a partir do contato de um profeta macuxi com Deus. A partir dos macuxis, o culto se difundiu por todas as etnias indígenas vizinhas, por intermédio de outros profetas, e perdura até hoje. Outros cultos semelhantes surgiram, como o "Chochimuh" e, mais recentemente, o de São Miguel. Combatido, a princípio, pelos missionários, o Aleluia é hoje no mínimo tolerado por eles. O Chochimuh (derivado de "chochi", corruptela da palavra inglesa "church") e o de San Miguel chegam a dispor de edificações exclusivas para o culto, templos, sendo que este último, na sua cosmovisão, coloca o xamanismo como forma reprovável, e o Aleluia e o Chochimuh como maneiras ineficazes de se alcançar o paraíso. Se o Aleluia surgiu do contato com missionários anglicanos, o de São Miguel mostra uma forte influência do catolicismo romano. Pelo menos no Aleluia, um dos elementos desencadeadores do culto é o esforço indígena de entrar em contato com Deus sem a intermediação dos missionários, pondo em segundo plano também os

textos sagrados escritos. O contato direto do profeta com a divindade lembra o vôo do xamã (Butt Colson 1971 e 1985, Thomas 1976).

Os índios cujas terras se estendem em torno do monte Roraima são os pemons ou pemong (os autores ora grafam Pemon, ora Pemong) setentrionais, que incluem os camaracotos, os taulipang e os arecunás; os pemons meridionais, que são os macuxis; os capons ou capong (os autores, do mesmo modo, ora grafam Kapon, ora Kapong), que incluem os acauaios (talvez estes sejam os ingaricós do Brasil) e os patamonas; e os uapitxanas. Somente estes últimos são aruaques; os demais são caribes.

Tal como os iecuanas, a pé e de canoa, pesquisava outrora um etnólogo

Faz pouco tempo foi publicada a tradução para o português do 1º volume do livro *Do Roraima ao Orinoco*, de Theodor Koch-Grünberg (2006). Até então só havia sido traduzido para o português o 2º volume, constituído pelos mitos taulipangs e arecunás, porém com omissão das traduções interlineares, na *Revista do Museu Paulista* (1953). Mas o livro inteiro tem cinco volumes. Engloba os resultados da pesquisa do autor no norte do que é atualmente o estado de Roraima. Essa longa excursão de pesquisa, que durou de 1911 a 1913, Koch-Grünberg iniciou-a em Manaus, subindo o rio Negro até a confluência como Branco, para o qual passou, subindo-o até a junção de seus formadores, os rios Uraricoera e Tacutu, próximo à qual estava a fazenda São Marcos. Até aí viajou em embarcações a vapor, destinadas ao transporte de passageiros, gado e mercadorias. Tomando por base essa fazenda do governo federal, visitou, nessa área de campos e savanas hoje às vezes referida como Lavrado, a aldeia Koimélemong, dos índios macuxis, mas também habitada por taulipangs e por alguns uapitxanas, junto da serra do Mel, na órbita de uma missão beneditina. Depois foi até o monte Roraima, visitando as aldeias taulipang ao pé do mesmo. Se na região de vegetação aberta viajou por terra ou por água ajudado por carregadores ou remeiros indígenas, ao empreender a subida do rio Uraricoera, em área florestal, teve de usar somente embarcações. É a descrição desse longo trecho de sua viagem que nos dá uma idéia das dificuldades por que passam os índios em suas viagens de comércio num rio pontilhado por cachoeiras entre cujas pedras é preciso navegar ou arrastar as canoas. Koch-Grünberg passou pela ilha fluvial de Maracá e continuou subindo até próximo da embocadura do rio Auaris, no qual não entrou, subindo antes um afluente da margem esquerda do Uraricoera, onde esperou virem a seu encontro índios iecuanas, com ajuda dos quais atravessou o divisor de águas com a bacia do Orenoco, ou seja, entrou em território venezuelano, chegando ao Merewari, um afluente do Caura. Deste ponto ele queria tomar a direção das nascentes do Orenoco, cruzando o rio Auaris, ou seja, a ponta noroeste do atual estado de Roraima. Por mais que insistisse, não encontrou apoio dos iecuanas, que temiam o encontro com índios da área a ser atravessada (que hoje sabemos ser habitada pelos sanumás, um ramo dos ianomâmis). Aceitou então descer o rio Ventuari até desembocar no Orenoco, que continuou descendo até chegar a San Fernando de Atabapo. Daí tornou a subir o Orenoco até o canal de Cassiqueari, que navegou até alcançar o rio Negro. Descendo esse rio, voltou a entrar em território brasileiro, alcançando, perto da boca do Içana, o estabelecimento de São Felipe. Ele já conhecia o proprietário de São Felipe, com quem fizera amizade na sua pesquisa de 1903 a 1905, quando usou esse local como ponto de apoio para percorrer os rios Içana, Uaupés, Tiquié e Curicuriari.

Koch-Grünberg colhia os dados etnográficos não somente junto aos habitantes das aldeias indígenas nas quais parava, por mais ou menos tempo, ao longo de seu percurso, como também entre os seus próprios ajudantes de viagem, que eram indígenas. De branco só o acompanhava seu patrício e auxiliar Hermann Schmidt. Assim, a subida do rio Uraricoera, ele a faz acompanhado do taulipang José (Mayuluaípu), o arecuná João (Möseuaípu, apelidado Akúli), o uapixana Romeu e o garoto macuxi Mário; vai também o iecwana Manduca (Mayulíhe) com sua mulher grávida Hermínia, filha de uma rara sobrevivente saporá, das margens do rio Surumu (2006: pp. 55, 68, 138 e 146), afluente do Tacutu. Mais acima, a partir da ilha de Maracá, recebe também auxílio do macuxi Felipe e de Mönekaí, um velho purucotó. Mas, antes de passar o divisor de águas para a bacia do Orenoco, esses auxiliares retornam, continuando apenas Romeu, Mário e o iecwana com sua mulher. A partir daí se apoia nos iecuanas.

O plano do seu livro dá uma idéia dos seus interesses. O 1º volume traz a descrição do seu percurso. O 2º, os mitos e lendas dos taulipang (narrados por Mayuluaípu) e arecunás (narrados por Akúli, apelido de Möseuaípu). O 3º, a cultura material e espiritual dos povos encontrados, bem como as melodias cantos e composições que foram gravados em fonogramas. O 4º, os dados linguísticos, textos com tradução interlinear e listas de palavras de 23 línguas e dialetos, seis dos quais até então desconhecidos. O 5º, um atlas biotipológico com 180 pranchas (2006: p. 27). Alguns desse volumes só foram publicados após sua morte em 1924, por malária, no início da terceira expedição etnológica que fazia ao norte da Amazônia.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, Bruce. 1988. "La fumée du métal. Histoire et représentations du contact chez les Yanomami (Brésil)". *L'Homme* 106/107: 87-119. Publicado em português como "A fumaça do metal: História e representações do contato entre os Yanomami", *Anuário Antropológico/89*: 151-189, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- ALBERT, Bruce. 1993. "L'or cannibale et la chute du ciel: Une critique chamannique de l'économie politique de la nature (Yanomami, Brésil)". *L'Homme* 126/127/128: 349-378.
- ALÈS, Catherine & Michel POUYLLAU. 1992. "La conquête de l'inutile. Les géographies imaginaires de l'Eldorado". *L'Homme*, n° 122/124, pp. 271-308.
- ANDRADE, Karenina Vieira. 2009. "Wätunnä; Tradição oral e empreendimentos econômicos dentre os Ye'kuana. Em *Faces da Indianidade* (org. por Maria Inês Smiljanic, José Pimenta e Stephen Baines). Curitiba: Nexo Design. pp. 127-154.
- ARVELO-JIMENEZ, Nelly. 1971. *Political Relations in a Tribal Society: a Study of de Ye'cuana Indians of Venezuela*. Tese de Doutorado pela Cornell University (University Microfilms International 71-18901).
- BAINES, Stephen Grant. 2009. "“Esperando para ser julgado”: Indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista em Roraima". Em *Faces da Indianidade* (org. por Maria Inês Smiljanic, José Pimenta e Stephen Baines). Curitiba: Nexo Design. pp. 169-186.
- BARANDIARÁN, Daniel de. 1965. "Mundo Espiritual y Shamanismo Sanema". *Antropológica* 15: 1-28.
- BELLO, Luis Jesús. 2010. "Los pueblos indígenas aislados o con poco contacto en Venezuela". *Informe IWGIA* 8. Em: http://servindi.org/pdf/Informe_8.pdf
- BUTT COLSON, Audrey. 1971. "Hallelujah among the Patamona Indians". *Antropológica* 28: 25-58.
- BUTT COLSON, Audrey. 1973. "Inter-tribal Trade in the Guiana Highlands". *Antropológica* 34: 1-70.

- BUTT COLSON, Audrey. 1983-1984. "The Spatial Component in the Political Structure of the Carib Speakers of the Guiana Highlands: Kapon and Pemon". *Antropológica* 59-62: 73-124.
- BUTT COLSON, Audrey. 1985. "Routes of Knowledge: an Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guiana Highlands". *Antropológica* 63-64: 103-149.
- CARNEIRO, Robert L. 1979. "Forest Clearance among the Yanomamo", Observations and Implications". *Antropológica* 52: 39-76.
- CHAGNON, Napoleon Alphonseau. 1966. *Yanomamo Warfare, Social Organization and Marriage Alliances*. Tese de doutoramento por The University of Michigan (University Microfilms International 67-08226).
- CIVRIEUX, Marc de. 1980. *Watunna — An Orinoco Creation Cycle*. Editado e traduzido para o inglês por David M. Guss. San Francisco: North Point Press.
- COLCHESTER, Marcus. 1981. "Ecological Modelling and Indigenous Systems of Resource Use: Some Examples from the Amazon of South Venezuela". *Antropológica* 55: 51-72.
- COLCHESTER, Marcus. 1982. "The Cosmivision of the Venezuelan Sanema". *Antropológica* 58: 97-122.
- COPPENS, Walter. 1971. "Las Relaciones Comerciales de los Yekuana del Caura-Paragua". *Antropológica* 30: 28-59.
- COPPENS, Walter. 1983a. "Los Hoti". Em *Los Aborígenes de Venezuela* (Walter Coppens, org.). Vol. 2 (Roberto Lizarralde & Haydée Seijas, orgs.). Caracas: Fundación La Salle/ICAS. pp. 243-301.
- COPPENS, Walter. 1983b. "Los Sape". Em *Los Aborígenes de Venezuela* (Walter Coppens, org.). Vol. 2 (Roberto Lizarralde & Haydée Seijas, orgs.). Caracas: Fundación La Salle/ICAS. pp. 381-406.
- DINIZ, Edson Soares. 1965. "Breves Notas sôbre o Sistema de Parentesco Makuxí". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 28.
- DINIZ, Edson Soares. 1966. "O Perfil de uma Situação Interétnica. Os Makuxí e os Regionais do Roraima". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 31.
- DINIZ, Edson Soares. 1968. "A Terminologia de Parentesco dos Índios Wapitxâna". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 34.
- DINIZ, Edson Soares. 1969. "Aspectos das Relações Sociais entre os Yanomamö do Rio Catrimâni". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 39.
- DINIZ, Edson Soares. 1972. *Os Índios Makuxi do Roraima: Sua Instalação na Sociedade Nacional*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Coleção Teses 9).
- DREYFUS, Simone. 1992. "Les réseaux politiques indigènes en Guyane occidentale et leus transformations aux XVII^e et XVIII^e siècles". *L'Homme* 122/124: 75-98.
- DUMONT, Jean-Paul. 1972. *Under the Rainbow: a Structural Analysis of the Concepts of Nature, Culture and Supernature among the Panare Indians*. Tese de doutoramento pela University of Pittsburgh (University Microfilms International 72-22318).
- FARABEE, William Curtis. 1967 [1918]. *The Central Arawaks*. University of Pennsylvania — The University Museum — Anthropological Publications, vol. IX. Oosterhout N.B. (Holanda).
- FRECHIONE, John. 1981. *Economic Self-Development by Yekuana Amerinds in Southern Venezuela*. Tese de doutoramento pela University of Pittsburgh (University Microfilms International 82-08659).
- FRECHIONE, John. 1982. "Manioc Monozoning in Yekuana Agriculture". *Antropológica* 58: 53-74.
- FREDLUND, Eric Victor. 1982. *Shitari Yanomamo Incestuous Marriage: a Study of the Use of Strutral Lineal and Biological Criteria when Classifying Marriages*. Tese de doutoramento por The Pennsylvania State University (University Microfilms International 82-13302).
- FUENTES, Emilio. 1980. "Los Yanomami y las Plantas Silvestres". *Antropológica* 54: 3-138.

- GUARISMA P. Virginia e Walter COPPENS. 1978. "Vocabulario Hoti". *Antropológica* 49: 327.]
- GUSS, David M. 1980. "Steering for dream: Dream concepts of the Makiritare". *Journal of Latin American Lore* 6 (2): 297-312.
- GUSS, David M. 1981. "Historical incorporation among the Makiritare: From legend to myth". *Journal of Latin American Lore* 7 (1): 23-35.
- GUSS, David. M. 1982. "The enculturation of Makiritare women". *Ethnology* 21 (3): 259-269.
- GUSS, David M. 1985. *El segundo círculo: la carrera de una mujer entre los Makiritares*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello. (fasc. de 23 pp.).
- GUSS, David M. 1986. "Keeping it oral: A Yekuana ethnology". *American Ethnologist* 13 (3): 413-429.
- GUSS, David M. [1987]. "'All Thins Made': Myths of the origins of artifacts". Comunicação ao LAILA V International Symposium, Cornell University, Ithaca, New York, June 3-5, 1987.
- HAMES, Raymond B. & Ilene L. HAMES. 1976. "Ye'kwana Basketry: its Cultural Context". *Antropológica* 44: 3-58.
- HEINEN, H. Dieter. 1983-1984. "Traditional Social Structure and Culture Change among the Ye'kuana Indians of the Upper Erebató, Venezuela". *Antropológica* 59-62: 263-297.
- HENLEY, Paul e Marie-Claude MATTÉI-MULLER. 1978. "Panare Basketry: Means of Commercial Exchange and Artistic Expression". *Antropológica* 49: 29-130.
- HENLEY, Paul. 1975. "Wanai: Aspectos del Pasado y del Presente del Grupo Indígena Mapoyo". *Antropológica* 42: 29-55.
- HENLEY, Paul. 1983. "Los Wanai (mapoyo)". Em *Los Aborígenes de Venezuela* (Walter Coppens, org.). Vol. 2 (Roberto Lizarralde & Haydée Seijas, orgs.). Caracas: Fundación La Salle/ICAS. pp. 217-241.
- HENLEY, Paul. 1988. "Los E'ñepa (Panare)". Em *Los Aborígenes de Venezuela* (Walter Coppens, org.). Vol. 3 (Jacques Lizot, org.). Caracas: Fundación La Salle/ICAS/Monte Ávila. pp. 215-306.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1953. "Mitos e Lendas dos Índios Taulipáng e Arekuná". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 7: 9-202. Tradução do Volume 2 de *Vom Roraima zum Orinoco*, Berlim, 1916, com exceção do prefácio e dos textos com tradução interlinear.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2006. *Do Roraima ao Orinoco*, Volume 1: *Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*. São Paulo: Editora Unesp.
- LIZOT, Jacques. 1972. "Poison Yanomami de Chasse, de Guerre et de Pêche". *Antropológica* 31: 3-20.
- LIZOT, Jacques. 1972. "Poison Yanomami de Chasse, de Guerre et de Pêche". *Antropológica* 31: 3-20.
- LIZOT, Jacques. 1974. "Contribution à l'Étude de la Technologie Yanomami". *Antropológica* 38: 15-33.
- LIZOT, Jacques. 1974. "El Rio de los Periquitos: Breve Relato de un Viaje entre los Yanomami del Alto Siapa". *Antropológica* 37: 3-23.
- LIZOT, Jacques. 1980. "La Agricultura Yanomami". *Antropológica* 53: 3-93.
- MELANCON, Thomas F. 1982. *Marriage and Reproduction among the Yanomamo Indians of Venezuela*. Tese de doutoramento por The Pennsylvania State University (University Microfilms International 82-13331).
- MIGLIAZZA, Ernesto. 1964. "Notas sobre a Organização Social dos Xiriãna do rio Uraricaá". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 22.
- MIGLIAZZA, Ernesto. 1965. "Fonologia Máku". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 25.
- MIGLIAZZA, Ernesto. 1966. "Esbôço Sintático de um Corpus da Língua Máku". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 32.

- MUSSOLINI, Gioconda. 1980. "Notas sobre os Conceitos de Moléstia, Cura e Morte entre os Índios Vapidianá". In *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara*, de Gioconda Mussolini, Rio de Janeiro: Paz e Terra: 193-215.
- OCANDO ORIA, Luis R. 1965. "Informe sobre el Rito de Purificación del Recien Nacido y de su Madre entre los Makiritare". *Antropológica* 14: 61-63.
- OVERING KAPLAN, Joanna. 1974. *The Piaraó, a People of the Orinoco Basin: a Study in Kinship and Marriage*. Tese de doutoramento pela Brandeis University (University Microfilms International 74-27997).
- OVERING, Joanna. 1990. "The shaman as a maker of worlds: Nelson Goodman in the Amazon". *Man* 25 (4): 602-19.
- OVERING, Joanna. 1993. "Death and the loss of civilized predation among the Piaraó of the Orinoco basin". *L'Homme* 126/127/128: 191-211.
- OVERING, Joanna. 2006. "O fétido odor da morte e os aromas da vida. Poética dos saberes e processo sensorial entre os Piaraó da bacia do Orinoco". *Revista de Antropologia* 49 (1): 19-54. São Paulo: USP – FFLCH – Departamento de Antropologia. [Número em homenagem a Joanna Overing].
- OVERING, Joanna & M.R. KAPLAN - 1988. "Los Wothuha (Piaraó)". Em *Los Aborígenes de Venezuela* (Walter Coppins, org.). Vol. 3 (Jacques Lizot, org.). Caracas: Fundación La Salle/ICAS/Monte Ávila. pp. 307-411.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. 1969. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RAMOS, Alcida Rita. 1972. *The Social System of the Sanuma of Northern Brazil*. Tese de doutoramento por The University of Wisconsin - Madison (University Microfilms International 72-23759).
- RAMOS, Alcida Rita. 1979. "Rumor: the Ideology of an Inter-tribal Situation". *Antropológica* 51: 3-25.
- RAMOS, Alcida Rita. 1990. *Memórias Sanumá: Espaço e Tempo em uma Sociedade Yanomami*. São Paulo: Marco Zero, Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- RIFKIN, Jeffrey. 1994. "Ethnography and ethnocide: A case study of the Yanomami". *Dialectical Anthropology* 19 (2/3): 295-327.
- ROTH, Walter Edmund. 1974. "Trade and barter among the Guiana Indians". Em *Native South Americans — Ethnology of the Least Known Continent* (org. por Patricia Lyon). Boston e Toronto: Little, Brown and Company. pp. 159-165.
- SEIJAS, Haydee. 1982. "Datos Censales Preliminares de los Piaraó y Otros Indígenas en el Valle de Guanay (TFA) y Zonas Vecinas". *Antropológica* 57: 71-78.
- SHAPIRO, Judith Rae. 1972. *Sex Roles and Social Structure among the Yanomama Indians of Northern Brazil*. Tese de doutoramento pela Columbia University (University Microfilms International 72-28096).
- SMILJANIC, Maria Inês. 2009. "A comemoração do Dia do Índio entre os Yanomami de Maturacá (AM)". Em *Faces da Indianidade* (org. por Maria Inês Smiljanic, José Pimenta e Stephen Baines). Curitiba: Nexo Design. pp. 155-165.
- STORRIE, Robert. 2006. "A política do xamanismo e os limites do medo". *Revista de Antropologia* 49 (1): 357-391. São Paulo: USP – FFLCH – Departamento de Antropologia. [Número em homenagem a Joanna Overing].
- TAYLOR, Kenneth Iain. 1972. *Sanuma (Yanoama) Food Prohibitions: the Multiple Classification of Society and Fauna*. Tese de doutorado por The University of Wisconsin - Madison (University Microfilms International 72-23766).
- TAYLOR, Kenneth Iain. 1974. *Sanumá fauna: prohibitions and classifications*. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales-ICAS (Monografia 18).
- TAYLOR, Kenneth Iain. 1979. "Sanumá Food Prohibitions and Para-Totemic Classification". *Antropológica* 51: 63-92.
- THOMAS, David J. 1971. "Pemon Kinship Terminology". *Antropológica* 30: 3-17.

- THOMAS, David J. 1972. "The Indigenous Trade System of Southeast Estado Bolivar, Venezuela". *Antropológica* 33: 3-37.
- THOMAS, David J. 1972. "The Indigenous Trade System of Southeast Estado Bolivar, Venezuela". *Antropológica* 33: 3-37.
- THOMAS, David John. 1976. "El Movimiento Religioso de San Miguel entre los Pemón". *Antropológica* 43: 3-52.
- URBINA, Luis. 1983-1984. "Some Aspects of the Pemon System of Social Relationships". *Antropológica* 59-62: 183-198.
- VILLALON, María Eugenia. 1983-1984. "Network Organization in Éñapa Society: a First Approximation". *Antropológica* 59-62: 57-71.
- WILBERT, Johannes. 1966. *Indios de la Región Orinoco-Ventuari*. 1a. reimpressão. Caracas: Fundación La Salle de Ciencias Naturales-ICAS (Monografía 8).
- WIRTH, Mauro. 1950. "Lendas dos Índios Vapidianá". *Revista do Museu Paulista, Nova Série*, 4: 165-216.

OUTROS TEXTOS RELATIVOS À ÁREA

- CAUTY, André. 1974. "Reflexiones sobre 'las Formas Flexionales' del Idioma Panare". *Antropológica* 37: 41-50.
- CAUTY, André. 1974. "Reflexiones sobre Denominación y Designación en el Idioma Panare". *Antropológica* 39: 3-24.
- MULLER, Marie-Claude. 1974. "El Sistema de Posesión en la Lengua Panare". *Antropológica* 38: 3-14.
- MULLER, Marie-Claude. 1975. "La Diferenciación Lingüística Panare-Mapoya". *Antropológica* 42: 79-91.
- MULLER, Marie-Claude. 1975. "Vocabulário Básico de la lengua Mapoya". *Antropológica* 42: 57-77.

Webgrafia

CCPY — Comissão Pró-Yanomami. Brasília e Boa Vista.
<http://www.proyanomami.org.br>

O site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental, contém dos seguintes verbetes referentes a povos indígenas desta área:

- ALBERT, Bruce. 1999. "Yanomami".
- ANDRELLO, Geraldo. 2004. "Taurepang".
- EQUIPE de redação do PIB. 2008. "Wapixana".
- MLYNARZ, Ricardo Burg. 2008. "Ingarikó".
- MOREIRA-LAURIOLA, Eliane. 2003. "Ye'kuana".
- SANTILLI, Paulo. 2004. "Makuxi".
- SANTILLI, Paulo *et alii*. 2008. "Ingarikó".

GUIANENSE OCIDENTAL						
Nome tribal e sinônimos	CGNT	Classificação linguística	População	Data	Fonte	
piaroa	Piarôa Wóthuha [ad]	sáliva	14.494 VZ 764 CB	2001 1993	XIII CPV Mar: 199	
maco	Mako		1.130 [a]	2001	Bello: 13	
hôti	Hôti	puinave	767 VZ	2001	Bello: 10	
mapoio	Mapôyo Wánai [ad]	caribe	178 VZ	1993	Mar: 231	
panare	Panáre E-ñepá [ad]		3.134 VZ	1993	Mar: 231	
iauarana iabarana	Yawarâna Yabarâna		319 VZ	1993	Mar: 231	
maiongong maquiritare iecuana	Mayongông Makiritáre Ye-kuâna [ad] Sô-to [ad]		430 BR 6.523 VZ	2000 2001	PIB XIII CPV	
pemon pemong	Pemôn Pemông		27.157 VZ 600 GU 582 BR [b]	2001 s.d. 2002	XIII CPV Mar: 221 PIB	
macuxi	Makuxí		23.433 BR 9.500 GU	2006 2001	PIB PIB	
capon capong	Kapôn Kapông		811 VZ 11.000 GU 1.170 BR [c]	1993 s.d. 2007	Mar: 231 Mar: 221 PIB	
ianomâmi ianomama ianoama xirianá	Yanomâmi Yanomâma Yanoâma Xirianá		ianomâmi	15.682 BR 15.269 VZ [d]	2006 2001	PIB Bello: 11
uapitxana vapidianá	Wapitxâna Vapidiâna		aruaque	7.000 BR 6.000 GU	2008 1990 [e]	PIB PIB
arutâni	Arutâni Uruák [ad]		aruaque?	45 VZ	1993	Mar: 231
caliana	Kaliâna Sapé [ad]	não clas.	28	1993	Mar: 231	

Notas e abreviaturas do quadro

- [a]→ Segundo Bello esse número é uma estimativa da população maco, que não foi incluída no XIII CPV.
- [ad]→ Autodenominação.
- [b]→ No Brasil os pemons correspondem aos taurepang e arecunás. Na Guiana, aos arecunás. Quanto à Venezuela, a fonte alude simplesmente aos pemons.
- [c]→ No Brasil os capons incluem os que foram chamados pela fonte de ingaricós. O número correspondente à Guiana inclui os patamonas e o acauaios. O número da Venezuela inclui só acauaios.
- [d] → Segundo Bello, o XIII CPV contou os 3.035 sanumás separadamente dos 12.234 outros ianomâmis. Pusemos no quadro a soma desses números, que é 15.269.
- [e]→ Data da publicação da fonte citada pelo PIB.
- Bello → Ver BELLO, 2010 na bibliografia deste capítulo. Em: http://servindi.org/pdf/Informe_8.pdf
- BR→ Brasil.
- CB→ Colômbia.
- CGNT→ "Convenção para da grafia dos nomes tribais", assinada pelos participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos em língua portuguesa. Essa "Convenção" foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, pp. 150-152) e posteriormente nas primeiras páginas (não numeradas) do volume organizado por Egon Schaden, *Leituras de Etimologia Brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976). Preferimos, entretanto, usar a ortografia oficial brasileira.
- Mar→ MATOS MAR, José. 1993. "Población y Grupos Étnicos de América. 1994." *América Indígena* 53 (4): 155-234.
- PIB→ Site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental.
- s.d. → Sem data.
- VZ→ Venezuela.
- XIII CPV → XIII Censo de Población y Vivienda (censo venezuelano de 2001). Em: http://venciclopedia.com/index.php?title=XIII_Censo_de_poblaci%C3%B3n_y_vivienda#Censo_de_las_Comunidades_Ind.C3.ADgenas

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)